

9º FÓRUM DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DISCENTE NA CONSTRUÇÃO DA DEMOCRATIZAÇÃO, DESIERARQUIZAÇÃO DO SABER E INTERDISCIPLINARIDADE

Rejane Peres Neto Costa¹

Fátima Teresa Braga Branquinho²

Resumo - A iniciativa de um grupo de alunas do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, permitiu a realização do 9º Fórum de Educação Ambiental. Nesse artigo, tal fórum é considerado um espaço interdisciplinar privilegiado de formação de professores e vivência de práticas que contemplam a democratização e desierarquização do conhecimento. Em que medida a busca pelo estabelecimento de relações simétricas no espaço acadêmico de formação de pedagogos permite o exercício da noção de interdisciplinaridade e a expansão da democracia para além do ambiente universitário?

Palavras chave: cultura da paz, desierarquização do saber, interdisciplinaridade, democratização, relações simétricas.

Abstract - The initiative by Pedagogy Students of State University of Rio de Janeiro allowed the realization of the 9th Environmental Education Forum. In this article, the forum is considered a privileged interdisciplinary space for practical experience and teachers training that contemplate the knowledge democratization and the knowledge hierarchy's disruption. To what extend the search by establishing symmetric relationships within academic training allows educators to pursue the notion of interdisciplinarity and the expansion of democracy beyond the university setting?

Keywords: peace culture, hierarchies of knowledge disruption, interdisciplinarity, democratization, symmetrical relations.

Data de recepção:14/07/2013

Data de aprovação do trabalho:04/09/2013

Introdução

Desde 2004 é realizado na Universidade do Rio de Janeiro/Uerj, na Faculdade de Educação, o Fórum de Educação Ambiental. No ano de 2012 foi realizada, por alunas de graduação do curso de pedagogia³, a nona edição do evento que teve como tema: *O que o consumo e a cultura da paz têm a ver com o ambiente?*⁴. Tal temática nasceu dos questionamentos do referido grupo sobre o que abordar em um fórum de educação ambiental de modo a evitar apresentar, apenas, reciclar atitudes antigas. O objetivo do grupo era o de enunciar novas possibilidades, que requerem também atitudes relacionais novas.

Este artigo pretende analisar as relações de aprendizagem e cooperação estabelecidas pelos sujeitos no planejamento do fórum e durante a sua realização, no sentido de descrever a vivência das relações de acordo com o paradigma proposto para concepção do evento.

¹ Aluna de graduação do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro e professora do rede municipal do Rio de Janeiro.

² Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Doutora, que ministra a disciplina Ciências Sociais e Educação do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação

³ Ana Claudia Santos, Danielle Gomes Rodrigues, Emília Madalena, Flávia Mesquita, Juliana Linhares, Liliane Machado, Nathália Araújo, Priscila Primo, Rejane Peres Neto Costa.

⁴ Evento anual promovido pelo Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente da Faculdade de Educação da Uerj.

O propósito da confecção do fórum, sob a orientação da professora da disciplina, era primeiro dotar de instrumentos que possibilitassem às alunas a vivência *na carne* de uma experiência no meio acadêmico com diversos requisitos a serem elaborados, de modo a muni-las de meios que proporcionassem o trânsito nos espaços universitário e, segundo, aprofundar a reflexão sobre a temática proposta no fórum. Este grupo, reunido sob a perspectiva da antropologia da ciência⁵, debruçava-se nos estudos de educação ambiental tendo como principal referencial teórico o antropólogo francês Bruno Latour.

Uma prática promotora da cultura da paz necessita de uma postura que se coaduna com ela. Só assim poderá ocorrer um processo de mudança que favoreça o ambiente. Esta concepção engloba conceitos como a promoção e prática da não violência por meio da educação, do diálogo e da cooperação, na adesão aos princípios de liberdade, justiça, democracia, tolerância, solidariedade, pluralismo, diversidade cultural, diálogo e entendimento (UNESCO). Posiciona-se no terreno inverso do modelo atual, que prima a guerra como solução do conflito, numa lógica pautada na competição e que gera desigualdades, injustiças e violências. Neste sentido a experiência que estava sendo vivenciada pelo grupo e divulgada pelo evento englobava a possibilidade de incorporação de pressupostos relacionais da cultura da paz por todos os envolvidos num exercício dialógico, pois a efetivação deste projeto ocorre nas práticas de cuidados com o outro e na vivência que corporifica e possibilita o exemplo.

Por relações simétricas⁶ tomo como referência o antropólogo Bruno Latour em sua obra *Jamais Fomos Modernos* (1994), demonstrou a separação entre natureza e cultura, ciência e conhecimento popular, explicitou as categorias de pertencimento e exclusão postas no mundo “moderno” e daí o estabelecimento das relações assimétricas, “nós ocidentais somos completamente diferente dos outros” (Latour, 1994: 96). A partir desta premissa os modernos separaram e hierarquizaram o mundo nas categorias de: pertencentes ou não, válidas ou não, e nos diversos âmbitos da vivência humana reproduzimos tal lógica. Verificamos o fato de alguns humanos terem status diverso de outros pela simples apropriação ou não do conhecimento científico. Desse modo, os fazeres, os diálogos e as trocas acabam sempre sendo hierarquizados dentro deste universo de ser

⁵ Antropologia da ciência – linha de pesquisa desenvolvida pela professora Fátima Teresa Braga Branquinho que objetiva relacionar a natureza do conhecimento com a possibilidade de desierarquização dos autores, considerando redes sociotécnicas de produção de conhecimento sobre a realidade. Atualmente coordena o projeto de pesquisa Saberes e Fazeres de Ceramistas: um estudo sobre a indissociabilidade entre conhecimento, ambiente e arte.

⁶ A simetria é um ponto de preocupação de Latour que ao analisar a postura dos modernistas percebe a exclusão do antigo e daquilo que é rechaçado como erro ou crença, de modo a proporcionar a criação de mais e mais cisões na tentativa de purificação e deixando a ciência calcada na separação entre natureza e cultura, novo e antigo, ciência e senso comum.

e de não ser. Relações simétricas seria então a concepção de um movimento de compreensão das diferenças, de não se colocar mais um abismo entre “nós” e “eles” (Latour 1994: 96-99), os que são e os que não são dotados de discurso válido. Tal canal de entendimento pretende levar ao encontro das semelhanças, do diálogo, da possibilidade entre os territórios separados e das reconsiderações sobre os termos da diferença.

O evento, sendo uma atividade de extensão, em que foi apresentado propostas de debates e de mudança no pensar e no fazer, num exercício dialógico de ensinar e aprender, pois “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (Freire, 1996: 23). Deste ponto está posta a exigência da incorporação do discurso na prática, no exemplo, afinal “as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem” (Freire, 1996: 34). Então o modo como nos relacionamos com os seres e as coisas demonstram nitidamente nosso engajamento na proposta apresentada e que o contrário pode testemunhar contra todo trabalho desenvolvido.

Buscou-se também, através do Fórum, acender a chama da mudança e da esperança, tanto no que se refere à possibilidade da construção de um evento como este ser elaborado quase inteiramente por alunas, que através dos erros e acertos, no ritmo incerto e cambaleante de quem dá os primeiros passos, podiam realmente aprender. Como pela crença num espaço que possibilite a reflexão sem compromisso com algo ou alguém, mas simplesmente pela inquietação e perplexidade diante dos abusos contra a vida e do cinismo das respostas fáceis e prontas, e diante disso o surgimento de novas propostas e de novas esperanças. A fé no homem é a priori, a crença está antes mesmo do encontro e do diálogo, pois somos conscientes que o fazer, o criar e o transformar é um poder dos homens, e este fazer transformador revigora a fé dos homens neles mesmos (Freire, 1987: 46). Esta fé possibilitou a canalização de esforços para a realização deste evento como via possível de difusão de crenças e projetos que visam criar e re-criar.

Na organização do fórum foram constituídos grupos que se encarregariam de tarefas, dentro de um determinado prazo. A cada grupo seria atribuído previamente funções e ações a serem implementadas, dentro duma lógica de flexibilização, respeitando as diferentes maneiras e ritmos de cada aluna na elaboração e cumprimento das tarefas como forma de construção do conhecimento. Essa concepção buscava a autonomia do grupo para sua ingerência no cumprimento das tarefas e também para que cada estudante pudesse aproveitar os diversos espaços para estudo independente e experimentação de suas potencialidades.

Este artigo é um dos resultados do 9º Fórum, que visa documentar e avaliar o trabalho

desenvolvido, a autora participou no processo de construção e realização do evento, mediante reuniões presenciais, comunicação por meio eletrônico, oficinas, pesquisa de material, solicitação de fomento e execução de atividades diversas no dia do evento. Esta síntese é fruto da observação e reflexão do material teórico estudado e também das formas de relações pessoais que foram estabelecidas pelo grupo envolvido ao longo do projeto.

A Vivência na *Carne da Simetria*

“O sistema que programa o computador que alarma o banqueiro que alerta o embaixador que janta com o general que ordena ao presidente que intima o ministro que ameaça o diretor-geral que humilha o gerente que grita com o chefe que pisa no empregado que despreza o operário que maltrata a mulher que bate no filho que chuta o cachorro.” (Galeano, 1978: 12)

Como forma de análise da proposta apresentada foi usada como categoria analítica os atores sociais envolvidos e as relações estabelecidas por estes durante todo evento. Cientes que a educação é uma forma de intervir no mundo (Freire, 1996: 98) no qual os sujeitos envolvidos fazem reflexão, compartilham o conhecimento, experimentam as ações reais na efetivação prática do que se é lançado teoricamente, é que se possibilita a mudança, a oportunidade do novo.

Houve um tempo em que acreditávamos que a universidade possibilitava o saber puro e verdadeiro, o saber científico “um mundo no qual a representação das coisas através do laboratório encontra-se para sempre dissociada da representação dos cidadãos” (Latour, 1994: 33). Então a rua, o trabalho, a praça, estes locais nada poderiam oferecer no que se refere à aprendizagem. Logo passamos a crer que somente os sujeitos que transitavam pela universidade poderiam ter algo verdadeiro a ensinar, os sujeitos de outros espaços, alijados do saber científico, só perpetuariam as crenças incertas e confusas do *senso comum*. Ainda acreditamos nisso? Como podemos superar esse paradigma?

Os sujeitos reproduzem as formas com que foram constituídos ao longo de suas vidas, o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social (La Taille, 1992: 19). Então os saberes e fazeres socialmente apreendidos nas práticas cotidianas, inclusive a disputa pelo poder e pelo saber que dá voz e por isso importância aos seres, são formadores dos sujeitos. Sem reflexão e sem possibilidade de experimentar algo diverso acabamos por reproduzir a hierarquia do comando e do comandado, do valorizado e do que pouco contribuiu. O indivíduo torna-se um divulgador desse modo de agir no mundo, reproduz a desvalia do fazer de um e a centralidade de outro, a importância de um espaço em detrimento dos outros.

A universidade acabou encerrando dentro dela as possibilidades humanas de conhecimento do mundo e do mesmo modo a apartação dos sujeitos. No entanto a vida segue alheia a tais delimitações, prolifera e rompe as fronteiras disciplinares. Necessitamos da cooperação que quebra

o isolamento e nos aproxima conforme nos fala Morin “a constituição de um objeto ao mesmo tempo interdisciplinar, polidisciplinar e transdisciplinar, permite, muito bem, criar a troca, a cooperação e a policompetência” (Morin, 2000: 73).

O fórum por ser um evento de extensão universitária cumpriu a função de uma atividade acadêmica que buscou a articulação com o ensino e a pesquisa, num processo educativo cultural e científico que viabilizasse uma relação transformadora entre universidade e sociedade. O evento tinha como compromisso primeiro um fazer que ecoasse nas propostas apresentadas e também que aproximasse esses sujeitos apartados. Contamos com a participação de 240 inscritos, compostos por acadêmicos, profissionais da educação, em sua maioria das ciências biológicas, bem como profissionais de outras áreas, como turismo, cinema, administração, estudantes do ensino médio e indígenas⁷. Essa variedade de atores representou a possibilidade da propagação em diferentes instâncias sociais da proposta apresentada no fórum, e então a possibilidade de reprodução das experiências ali experimentadas em outros espaços e com outros sujeitos. Afinal, tal como sugere o poema de Galeano que abre este subtítulo, as vivências ressoam em nossos corpos e no nosso agir no mundo, então testemunhar a cultura da paz e a desierarquização do conhecimento era urgente no nosso agir, como prática testemunhal e possibilitadora de multiplicação, esta premissa nos *formou e reformou ao formar* (Freire, 1996: 23).

A vivência do evento impôs aos seus integrantes uma postura que se aproximasse de seus pressupostos e colocou em evidência o diálogo com toda comunidade que nos constitui, inclusive entre humanos e não-humanos⁸. O espaço universitário dota os seres de outras formas de intervenção no mundo pelo simples fato de existirem dentro desta concepção e carregarem esta possibilidade de subjetivação. Uma vez efetivada esta experiência é possível conectá-la com uma rede de atores⁹, tanto aqueles que elaboraram o fórum, como aqueles que participaram dele de diversas maneiras, como do espaço que foi modificado e modificou os que ali se encontravam.

Primando pela inclusão de diferentes contribuições o evento propiciou o diálogo com atores

⁷ Dados retirados do Relatório do 9º Fórum de Educação Ambiental elaborado pela discente Ana Claudia Santos.

⁸ O antropólogo francês Bruno Latour em sua obra *Jamais Fomos Modernos* (1994) propõe a superação do conceito moderno de separação entre humanos e não-humanos, defendendo uma igualdade de importância aos dois entes, uma vez que os humanos interagem cotidianamente com os objetos, e que estes moldam os humanos e suas formas de agir e de se relacionarem no mundo, formando desse modo uma rede social que integra os humanos e os não-humanos de forma heterogênea e interligada.

⁹ Faço referência a Teoria de Ator-Rede, desenvolvida principalmente por Michel Callon e Bruno Latour, que enfatiza a ideia de humanos e não-humanos estarem ligados numa rede social, e esta teoria se constituir em um método para seguir a construção e fabricação dos fatos.

heterogêneos, com uma bagagem diferenciada, e que puderam compartilhar suas vivências e o testemunho de outros personagens. Isto proporcionou a troca e o enriquecimento das relações, já que somos provocados pelas divergências, confluências e possibilidades que se apresentam através do outro. Sempre num contexto de diálogo que se faz imprescindível para ocorrerem mudanças e avanços, uma vez que o encontro dos homens se dá pela pronuncia do mundo, um ato de criação de sujeitos que dialogam (Freire, 1987: 46).

A materialização de uma proposta de mudança nas relações e, conseqüentemente, de um novo agir do sujeito no mundo, requerem um exercício constante de concretização de práticas e posturas. Isto poderá possibilitar a vivência de uma interação que beneficia a promoção, o equilíbrio, o compromisso, o respeito, a comunicação com o outro e consigo. A democratização do conhecimento aponta para a necessidade do envolvimento de toda a sociedade no processo de apropriação e de mudanças do paradigma, uma vez que *o sistema que programa o computador desencadeará o chute no cachorro*. Relações mais simétricas e uma cultura da paz necessitam do fazer humano apreendido nas relações cotidianas. Então a ciência não será aquela única a dar a solução objetiva e indiscutível. Mas sim participante, como discurso possível, e dessa forma promotora da desierarquização do saber ao dialogar com outras contribuições, como nos ensina Bruno Latour “a construção de um fato é um processo tão coletivo que uma pessoa sozinha só constrói sonhos, alegações e sentimentos, mas não fatos” (Latour, 2000: 70).

Desse modo é dada a clareza para entrever a centralidade de propiciar aos estudantes espaços de experiência real que os possibilitem sentir “os problemas”, os avanços e recuos, formando, através do contato e das relações humanas, dos diálogos e das possibilidades. Um verdadeiro canal de experimentação, já que as relações, essas não podem ser suprimidas sempre e somente pelo discurso. “Não há pensar certo fora de uma prática testemunhal que o re-diz em lugar de desdizê-lo” (Freire, 1996: 34). Produzimos assim uma ação e um efeito na rede e no mundo, uma vez que não trata-se de uma rede separada das demais, mas sim composta por elementos heterogêneos e conectados que modificam e são modificados por ela, são fluxos lançados e que interferem na realidade que está posta gerando talvez o afago ao invés do chute no cachorro.

Considerações Finais

Desde a Revolução Francesa, baluarte da modernidade¹⁰, inspirada no Iluminismo, que a humanidade tenta fazer-se crer que todos somos iguais, ainda hoje tentamos efetivar tal projeto que está introjetado em mentes e corações. Porém invariavelmente tem também o ocidente constituído

¹⁰ Modernidade aqui compreendida como o ideário que propôs a supremacia da razão e apartou assim a mente dos corpos, a natureza da cultura.

meios para distinguir os sujeitos, criando as diferenças que dão valor ou a falta dele às pessoas. Produziu, inversamente à proposta original, mais desvalia e subordinação. Esse processo vai no sentido inverso daquele que inspirou a modernidade e a construção dos laços que romperiam os grilhões dos humanos. Melancolicamente, a ciência alardeada como a possibilitadora da efetivação deste projeto emancipador dos sujeitos, acaba por criar também e até mesmo acirrar o processo de desvalia dos mesmos, uma vez que a ciência engessa e recorta o homem em suas caixinhas do saber compartimentado e desconexo.

Abrir espaços que possibilitem a relação dos diversos entes universitários, e também com outros atores sociais, numa ótica interdisciplinar, oportunizou práticas promotoras de novos pressupostos relacionais. É urgente o exercício da desierarquização e democratização do conhecimento, pois como o diálogo ocorrerá se me mantenho apartado do mundo me sentindo membro ilustre de uma comunidade científica, pura e dona da verdade?

Um novo agir deve ter lugar de honra na universidade, que proporcionará um espaço especial de experimentação para um novo contemplar e operacionalizar, pautado em práticas e funções inovadoras para estudantes, professores e comunidade. A mudança só pode se materializar dentro da coletividade uma vez que o homem compartilha de uma rede de conhecimento milenar e dialogando com o mundo.

O espaço universitário é pensado como *locus* privilegiado de experimentação e vivência do novo, então é dever deste possibilitar a abertura para novos diálogos e novos fazeres, e queremos, e efetivamos, através da construção e realização do fórum, nossa pretensão de apropriação de novos paradigmas relacionais por toda a comunidade. Queremos a visitação, a leitura e a vivência, queremos existir numa rede social pulsante e integrada.

Conforme avançam e são aperfeiçoadas as proposta que visam dar mais integridade a todos humanos e não humanos¹¹, tanto mais se faz necessário um novo agir no mundo, com mais coerência, repensando os espaços e a formação profissional. Deslocar certezas implica no desvio de rotas, de interesses e objetivos que não existiam, mas que através das cadeias de vivências aproximam e engajam atores de forma a disseminar no tempo e no espaço novos pressupostos relacionais. Os homens são reconhecidos como seres que possuem uma historicidade, também são reconhecidos como inacabados e percebem a si mesmos dessa forma, pois é nesta inconclusão e na consciência dela que a educação apresenta-se como um fazer permanente. Quando vislumbramos a possibilidade de relações mais democráticas, para além dos projetos, urge vivenciarmos tal modelo

¹¹ Idem nota 9.

nos diferentes espaços sociais como estímulo que demonstra o movimento e proporciona a tomada de consciência, da necessidade da clareza e da não contradição do fazer.

O mundo está em constante transformação, o velho e o novo estão repartindo espaços, precisamos, então, da coragem e da clareza do fazer que enfrenta os problemas e os entraves que se apresentam; da crença na efetivação dos novos paradigmas que são almejados coletivamente. Principalmente pela crença na possibilidade, pela crença na capacidade humana, mesmo diante daquilo que nos fazem crer impossível, a autodesvalia diante da opressão. Convictos da mudança, de que o mundo está sendo permanentemente construído por sujeitos nas suas relações cotidianas, e cientes da construção através das alianças que produzem novos elementos é que nos inspiramos na busca pela realização das utopias. Ainda que sem o menor controle sobre os desdobramentos daquilo que é lançado, buscamos a efetivação de projetos que carregam o germe da esperança e que por vezes são divulgados como devaneios humanistas.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo; Paz e Terra; 1987.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo; Paz e Terra; 1996.

GALEANO, Eduardo. *Dias e Noites de Amor e de Guerra*. Porto Alegre, RS; L&PM Editores; 1978.

LA TAILLE, Yves de. *Piaget, Vigotsky, Wallon Teoria Psicogenéticas em Discussão*. São Paulo; Summus Editorial;1992.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro; Editora 34; 1994.

_____. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: EDUSC, 2001.

MORIN, Edgar. *Articular os Saberes*. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina (org.). *O Sentido da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 65-80.

REDE SIRIUS, Uerj. 9º Fórum de Educação Ambiental: O que o consumo e a cultura da paz tem a ver com o ambiente? Rio de Janeiro; 2012.

UNESCO. Programa Cultura da Paz (online). Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/>